

História

Terror nos séculos IX e X

Vikings na IBÉRIA

Vieram das frias terras do norte para saquear e assolar a península Ibérica. A sua ferocidade era tal que tanto os povos dos reinos cristãos como os do al-Andalus pensaram que tinha chegado o fim dos tempos. Ainda são perceptíveis as marcas daquela época que marcou a história.

No ano de 793, surgiram nos céus da Northumbria [noroeste do Reino Unido, *apartando parte da Escócia e de Inglaterra*] terríveis prodígios que semearam o espanto entre a população. Eram pavorosas tempestades com raios e dragões incandescentes que voavam pelos ares. A 8 de junho, homens infelizes destruíram impietosamente, com roubos e assassinios, a igreja de Deus em Lindisfarne. "É assim que as crônicas anglossaxônicas descrevem o ataque dos vikings ao rico e indefeso mosteiro. O assalto, o primeiro que se conhece dos homens do norte longe das suas terras, causou grande impacto em toda a cristandade. Segundo o monge inglês Alcuino (730-804), "nunca a Bretanha vivera algo igual!". Dois anos depois, os mesmos bárbaros incendiaram a igreja de Lambay, na Irlanda, e estabeleceram-se na zona. As costas do que são hoje o País de Gales, a Inglaterra, França e Espanha não tardariam a receber a sua visita.

Os vikings vinham da Escandinávia, região que agrupava, naquele tempo, a Noruega, a Suécia e a Dinamarca. Os seus habitantes tinham sobrevivido isolados e à margem do comércio europeu, tirando a venda ocasional de peles e cera de abelha, considerados artigos de luxo. Contudo, as coisas mudaram por volta do ano 600. Segundo explica no livro *Colapso* o biólogo e fisiólogo evolucionista Jared Diamond, da Universidade da Califórnia, "uma época de clima mais ameno e a introdução de melhores arados estimularam a produção de alimentos, o que

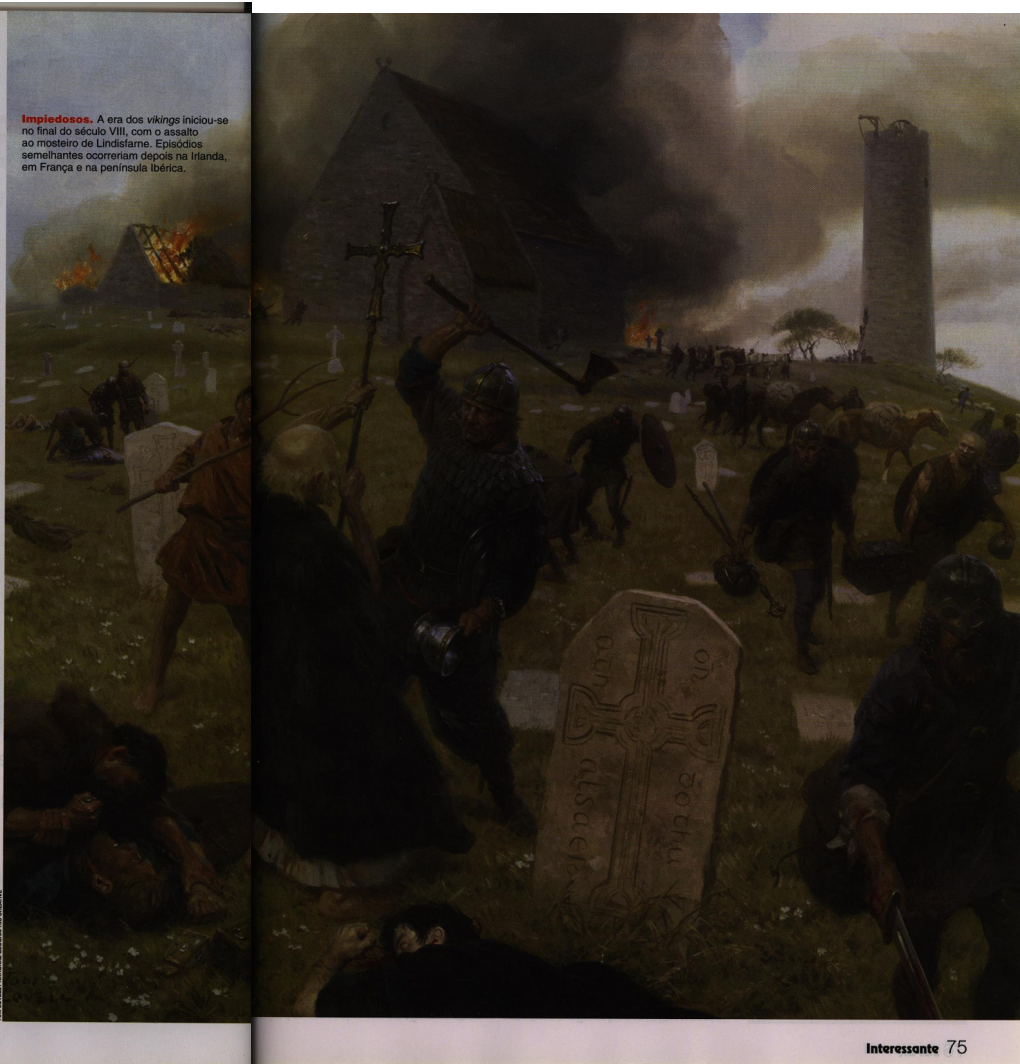
provocou uma explosão demográfica na região". Todavia, a falta de terras cultiváveis (apenas três por cento, na Noruega) fomentou o fantasma de fome e, com isso, a necessidade de colonizar novos territórios. Para conseguir, conceberam novas embarcações, mais velozes e estáveis do que os barcos a remos que usavam habitualmente na zona, às quais foram acrescentadas velas.

ERAM SALTEADORES

Alguns escandinavos optaram pela troca de produtos, mas outros descobriram que podiam simplesmente apoderar-se do que necessitavam. "Para sermos precisos, os vikings foram os guerreiros e navegadores que assolaram, de finais do século VIII a meados do século XI, as costas atlânticas da Europa Ocidental", explica o historiador Eduardo Morales no livro *História dos Vikings em Espanha*. Com efeito, o termo viking nunca foi utilizado na Escandinávia no sentido étnico: estava reservado aos saqueadores. "Os bandos de piratas nórdicos eram apenas uma minoria. A grande massa da população dedicava-se a outros ofícios, da criação de gado e da pesca a diversos trabalhos manuais", acrescenta Morales.

Que essa minoria tenha conseguido infligir tanto mal como as fontes narram pode ser explicado pela ferocidade dos atacantes e pelas características inovadoras das suas embarcações (os *drakkars*), que os levaram até Sevilha e Bizâncio. As compridas naves, equipadas com

Impiedosos. A era dos vikings iniciou-se no final do século VIII, com o assalto ao mosteiro de Lindisfarne. Episódios semelhantes ocorreriam depois na Irlanda, em França e na península Ibérica.





A prática do resgate

Os vikings encontraram uma interessante fonte de financiamento no sequestro e posterior resgate de reféns. Em princípio, a coisa parecia simples: durante as suas investidas, raptavam pessoas pertencentes a famílias mais ou menos abastadas e exigiam uma soma pela sua libertação. Contudo, a técnica exigia manter uma vasta rede de espíões (para conhecer os movimentos e a localização do alvo), intermediários e lugares seguros para reter os prisioneiros. Alguns historiadores afirmam que os nórdicos contavam habitualmente com mercadores judeus entre as suas fontes de informação, pois tratava-se de pessoas importantes na época e com muitos contactos. Na península Ibérica, um dos sequestrados mais frutíferos foi, sem dúvida, o que efetuaram na sua segunda grande incursão, em 859: um grupo armado entrou em Pamplona e conseguiu capturar o soberano, Garcia Iniguez (na iluminura em cima). Estima-se que o resgate alcançou 70 a 90 mil dinares (moedas de ouro), uma verdadeira fortuna. Todavia, as quantias não eram sempre tão substanciais. Assim, por exemplo, para conseguir a libertação de duas mulheiras chamadas Meitili e Gocina, um habitante local entregou um manto, uma espada, uma camisa, três panos, uma vaca e três alqueires de sal.

As povoações ribeirinhas tiveram de ser fortificadas

cinquenta remos e uma grande vela quadrada, eram tão leves que podiam ser levadas aos ombros se fosse necessário, por exemplo, para transportá-las entre dois rios. "A combinação de remos e vela conferia-lhes uma grande manobrabilidade, pois podiam deslocar-se em ambas as direcções mesmo que não houvesse vento. Permitia-lhes, além disso, navegar com grande precisão pelos estreitos", explica Morales. Devido ao calado reduzido, podiam alcançar as praias e mesmo subir alguns rios. A sua importância era tal que, por vezes, os chefes eram sepultados ou cremados no seu drakkar.

A primeira notícia escrita sobre um ataque viking na península Ibérica surge nos *Annals Bertiniani*, um texto franco do século IX, embora seja a *Crónica Rotense*, que alguns historiadores atribuem a Afonso III, rei das Astúrias (852-910), a que mais dados proporciona: "Naquele tempo, os normandos, gente até então desconhecida, pagã e muito cruel, chegaram até nós com um exército naval. Ramiro, já feito rei, congregou um grande exército e, no Farol Breacantino [atual Torre de Hércules, na Corunha], travou combate. Ali, matou um grande número e pegou fogo às suas naveas. Os que não morreram foram pelo mar dentro e chegaram à província da Bética. Na cidade de Sevilha [na altura, em mãos árabes], destruíram grande multidão de caldeus, parte pela espada e parte pelo fogo. Após irromper um ano em Sevilha e nos seus arredores, regressaram às suas regiões."

LISBOA RESISTIU DURANTE 13 DIAS

Esse primeiro encontro armado na Galiza ocorreu a 1 de agosto de 844. Antes, os vikings já tinham sido avistados perto de Gijón. Era habitual contornarem as costas, uma técnica que lhes permitia abastecer-se e enviar pequenas expedições de reconhecimento. Contudo, isso podia denunciar a sua presença. Seja como for, na altura, os nórdicos já conheciam provavelmente as riquezas da Hispânia e as suas rotas, pois, após serem expulsos por Ramiro I, dirigiram-se para Lisboa. A cidade teria resistido a treze dias de ataques, até que, fartos da acérrima defesa dos mouros, a abandonaram sem saquear. Em seguida, partiram rumo ao sul.

Um viking não podia regressar de mãos vazias à sua terra. Muitos tinham empenhado os seus bens na iniciativa, o que os obrigava a procurar incessantemente novos objetivos. O emir Abderramão II tinha sido alertado para a sua chegada iminente pelo governador de Lisboa, mas bastimou os novos inimigos. Assim, não



conseguiu evitar que conquistassem Cádiz e penetrassem até Medina-Sidónia. Depois de subirem o Guadalquivir, atacaram Sevilha e os seus arredores durante pelo menos uma semana. Abderramão II reuniu um exército para enfrentar os invasores, que pretendiam avançar ainda mais pelo território dentro. Em novembro de 844, registou-se a batalha de Tablada, em Aljarafe, onde, segundo crónicas andaluzas e a posterior *História de Espanha*, escrita por iniciativa de Afonso X, os nórdicos foram definitivamente derrotados. Os sobreviventes da incursão alada tiveram oportunidade de atacar Niebla, tendo depois rumado à costa africana.

REGRESSO IMINENTE

Depois desses acontecimentos, Abderramão II ordena a construção de defesas e de uma frota para vigiar o litoral. No norte, foram fortificadas as entradas dos rios e as povoações costeiras. Como se receava, os vikings não tardaram a regressar. Em julho de 858, os drakkars voltaram a ser avistados na Galiza. Tratava-se de um grande contingente, comandado pelos chefes Hasting e Bjorn, o Costas de Ferro. Fazia provavelmente parte de uma expedição ainda maior que tinha vindo a saquear territórios francos, e o seu objetivo era Compostela.

Depois de porem em fuga a população de Iria Flavia, uma antiga cidade romana e um impor-

ante porto na costa galega, cercaram a cidade, até que uma hoste comandada pelo conde Pedro conseguiu libertá-la. Tal como acontecera na primeira incursão, depois de recuar, os vikings assolaram a região e dirigiram-se de novo para Lisboa e para o sul da península Ibérica. Nesse período, longo e sangüinário, incendiaram parte de Algeciras, devastaram a costa de Múrcia e tomaram Orihuela (já quase a meio da costa leste da península), que utilizaram como base para atacar as terras do interior.

Tiveram igual sorte as ilhas Baleares, o condado de Roussillon e a Provença francesa. Depois, chegaram a Pamplona, no País Basco, onde capturaram o soberano, Garcia Iniguez. Como conseguiram? Alguns historiadores asseguram que foi por terem subido os rios Ebro, Aragão e Arga. Outros dizem que vieram do golfo da Biscaia. Seja como for, o saque estabelecera os alicerces para a invasão seguinte.

NOVAS MEDIDAS DEFENSIVAS

Assim, foram adotadas novas medidas para defender Compostela, como relata a monumental obra *Espanha Sagrada*, do século XVIII: "Tendo-se experimentado nos dois reinados anteriores que os normandos andavam muito solícitos a roubar por estas marinhas, como fizeram por outras de França e Espanha, teve o rei por conveniente edificar algumas fortalezas para defesa dos povos e das santas reliquias."

Itinerário do terror. Ao contrário do que por vezes se crê, os ataques eram bem planeados.

A férrea disciplina e o sentido de estratégia transformavam os vikings em inimigos de respeito, embora estivessem em menor número do que os seus adversários.

"Ao contrário do que poderia parecer, os seus contingentes não eram formados por indisciplinados bandos de selvagens que destruíam fortitadamente tudo o encontravam pelo caminho", afirma Morales. Ao invés, dispunham de uma rede de espíões bem organizada que os informava sobre as defesas das cidades. Nunca atacavam forças que não estivessem seguras de poder vencer, e preferiam recorrer ao suborno ou negociar um resgate antes de se lançarem ao assalto. Os reinos peninsulares, porém, tendiam mais a pagar em armas.

Em meados do século X, os vikings tinham levado a cabo algumas incursões de menor importância, mas, em 964, voltaram em força às costas galegas. Desta vez, foi o bispo Rosendo que se colocou à frente dos defensores. A lenda atribui-lhe as seguintes palavras: "Uns em carros, outros a cavalo, nós em nome de Jeová, o nosso Deus, somos fortes. Saímos ao encontro de normandos e mouros, com a proteção de Deus expulsamos da Galiza os normandos."

O PRINCÍPIO DO FIM

Santiago de Compostela resistiu novamente ao ataque, mas teve outra sorte quatro anos depois, quando enfrentou uma frota de cem naveas comandada pelo *sekonungr* ("rei do mar") Gunderedo, que percorria o litoral desde 966. Fosse por acaso ou intencionalmente, os vikings atacaram a Galiza num momento de fragilidade da coroa de Leão, pois o seu futuro rei, Ramiro III, tinha apenas sete anos. A semelhança do seu antecessor, o bispo Simando saiu ao encontro do invasor, mas morreu na batalha de Fomelos, perto do rio Louro, em Pontevedra. Morto o bispo em combate, o exército dispersou-se e os vikings saquearam Compostela a seu bel-prazer. Com efeito, prosseguiram as suas incursões pelo interior durante meses. Especula-se mesmo que alguns se estabeleceram na região.

Em 970, o conde Gonzalo Sanchez, que comandava o exército de Leão na fronteira galega, interceptou os nórdicos quando regressavam carregados de tesouros. Após a refrega, Gunderedo e os seus homens foram executados, e as suas naveas incendiadas. Por essa altura, porém, já tinham deixado uma marca indelével. Como se narra em *Espanha Sagrada*, "desde a entrada dos normandos, ficou a terra de Tui, e de Orense, tão destruída que nem os bispos conseguiram residir nas suas cidades, nem os houve".

As incursões não cessaram nas primeiras décadas do século XI, mas não foram tão devastadoras como esta última. No reinado de Bermudo III de Leão (1017-1037), outro bispo,

História alterada

Embora tenham tentado, os vikings não conseguiram desestabilizar os reinos que atacaram na península Ibérica, ao contrário do que aconteceu, por exemplo, nas ilhas britânicas, onde se instalaram e chegaram mesmo a dominar diversos territórios. Isso deveu-se, em grande medida, ao facto de não terem estabelecido bases permanentes, apesar de terem utilizado alguns enclaves para lançar ataques, especialmente no leste, mas também na Galiza, sobretudo durante a incursão infrutífera de 971. Nem os homens do norte quiseram forjar alianças com os governantes dos reinos peninsulares, nem foram bem recebidos. Por outro lado, os ataques dos vikings consolidaram Santiago de Compostela como principal centro religioso da cristandade no Ocidente. A transferência para a cidade da sede eclesiástica, até então situada em Iria Flavia (lugar vulnerável aos ataques vindos do mar) garantiu a sua influência. No Al-Andalus, o arsenal e a frota criados por Abderramão II para rechear os homens do norte acabaria por conferir aos seus sucessores o domínio naval sobre o Mediterrâneo ocidental. Entretanto, no norte, Ramiro I das Astúrias aproveitou a mobilização para combater a razia de 844 e fomentar o repovoamento de Leão, avançando para sul. Em Pamplona, depois de ser libertado dos vikings, Garcia Iniguez pôs fim à tradicional aliança que mantinha com a família muladi dos Banu Qasi e virou-se para as Astúrias como novo aliado político. Essa mudança favoreceu a união dos reinos cristãos na luta contra o poder de Córdoba, e facilitou o início da Reconquista.

Em 1970, o conde Gonzalo Sanchez, que comandava o exército de Leão na fronteira galega, interceptou os nórdicos quando regressavam carregados de tesouros. Após a refrega, Gunderedo e os seus homens foram executados, e as suas naveas incendiadas. Por essa altura, porém, já tinham deixado uma marca indelével. Como se narra em *Espanha Sagrada*, "desde a entrada dos normandos, ficou a terra de Tui, e de Orense, tão destruída que nem os bispos conseguiram residir nas suas cidades, nem os houve".

As incursões não cessaram nas primeiras décadas do século XI, mas não foram tão devastadoras como esta última. No reinado de Bermudo III de Leão (1017-1037), outro bispo,